

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Art and Innovation in Times of Pandemic

Rodolfo Ward **1**

Resumo: O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” iniciou-se como um projeto de lives em meio a pandemia de Covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de quarenta autores de diversas áreas do conhecimento e das mais prestigiadas Instituições de Ensino Superior do mundo. Um espaço criado no ciberespaço, estruturalmente pensado de forma transdisciplinar e com caráter inclusivo. Tendo como objetivo agregar e gerar conhecimentos nas diversas áreas que compõem a heterogeneidade da nossa sociedade, principalmente a brasileira, eixo essencial e foco do trabalho. Todo processo é desvelado à luz de importantes conceitos teóricos nas esferas da Arte, do Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital, Inovação e Serendipidade.

Palavras-chave: Arte. Humanidades Digitais. Pandemia. Inovação. Cultura.

Abstract: The “Art and Innovation in Times of Pandemic” this project started as a live project in the midst of the Covid-19 pandemic and has expanded to a publication with more than forty authors from different fields of knowledge and from the most prestigious higher education institutions in the world. A space created in cyberspace, structurally designed in a transdisciplinary way and with an inclusive character. Aiming to aggregate and generate knowledge in the different areas that make up the heterogeneity of our society, mainly the Brazilian, essential axis and focus of the work. The whole process is unveiled in the light of important theoretical concepts in the spheres of Art, Law, Philosophy, Traditional Culture, Sustainable Development, Digital Culture, Innovation and Serendipity.

Keywords: Art. Digital Humanities. Pandemic. Innovation. Culture.

1 Artista, produtor cultural e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa: Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - (UnB) (2019). Pós-graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (IREL/UnB) (2020). Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - (IPOL/UnB) (2018). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0720526747833796>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8283-2940>. E-mail: rodolfoward@unb.br

Introdução

Este espaço de pesquisa só foi possível graças a mobilização colaborativa e afetiva da rede Media Lab/BR1, da Universidade de Brasília – UnB e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM/UnB2. A Universidade assumiu seu papel histórico de vanguarda dentre as Instituições de Ensino Superior do Brasil se articulando e agindo de forma célere em combate à pandemia. Foram lançados editais de fomento para que técnicos e professores pudessem desenvolver pesquisas e ações contra o avanço exponencial do Vírus. Este foi um dos projetos contemplados no Edital COPEI – DPI/DEX/UnB – Apoio à execução de projetos de pesquisas científicas, tecnológicas, de inovação e de extensão de combate à Covid-19. O projeto também foi aprovado em Edital da Lei Aldir Blanc Gran Circular, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF). Após essa etapa de aprovação o projeto foi apresentado ao colegiado do CEAM e aprovado por unanimidade, assim como, foi aprovado pelo Media Lab/BR para realização das lives nas suas plataformas de redes sociais, Instagram e Youtube. O projeto foi aprovado também no edital Aldir Blanc da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins – Adetuc como Arte e Inovação em Tempos de Pandemia: edição Tocantins. Foi Realizado com artistas Tocantinenses. As lives foram sobre temas diversos, artes visuais, audiovisual, teatro, dança, produção cultural, gestão pública na área da cultura, quadrinhos e etc.

Devido ao rápido avanço da Covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa. A partir dessa condição de isolamento social foi pensado um produto cultural que chegasse aos lares das pessoas e amenizasse a dor do isolamento, trouxesse conforto, esperança, conhecimento, novas formas de pensar e reflexões acerca da nossa própria existência neste mundo, tendo como essência a cultura brasileira. Um produto que integrasse arte, cultura, ciência, inovação e estivesse ligado à vanguarda do pensamento acadêmico, o *descolonialismo*³, o qual vem ganhando força mundialmente. Dentro deste pensamento, na fase das *lives*, foram produzidos conteúdos audiovisuais por meio de transmissões ao vivo com pesquisadores, artistas, membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Este projeto priorizou a geração, disseminação e democratização de conteúdo e conhecimento transdisciplinar para a sociedade de modo geral, contribuindo também para a promoção integral desses saberes. Foram realizadas 12 lives nas plataformas de redes sociais, Instagram e Youtube do Media Lab/BR. Posteriormente, foram realizadas mais 10 *lives* com artistas tocantinenses.

O projeto agora se transforma em livro e busca além de tudo servir de material de referência histórica para futuras pesquisas sobre essa época turbulenta que vivemos. A heterogeneidade das temáticas visa a contribuir para um melhor entendimento conjuntural da nossa sociedade e do povo brasileiro no futuro. Este livro, este documento que se torna monumento, pretende contribuir para que no futuro possamos responder questões hoje impensadas. Para essa publicação foram convidados(as) autores de áreas diversas que somaram ao projeto inicial de *lives* qualidade artística e conhecimento transdisciplinar, modificando completamente o projeto inicial.

1 O Media Lab / BR é uma rede de laboratórios composta por - UnB, PUC-SP, Anhembi Morumbi, Instituto Mauá, UFG e UNIFESSPA. A rede Media Lab / BR se dedica à pesquisa, desenvolvimento e inovação em mídias interativas, com forte atuação cultural, social e artística, gerando impacto de desenvolvimento humano e científico.

2 São 34 Núcleos Temáticos que compõem cinco Eixos Estratégicos que transversalizam projetos e ações estruturados por meio de linhas de pesquisa e atividade de ensino e extensão. Eixo de estudos em Direitos Humanos, Eixo de estudos em Políticas Públicas, Eixo de estudos em Contextos Regionais e Internacionais, Eixo de estudos em Linguagem, Comunicação, Cultura e Arte.

3 O descolonialismo que utilizamos nesta pesquisa é o descolonialismo antropopofágico. Nós não renegamos os conhecimentos, saberes, arte, filosofia, ciência europeia e/ou norte americana. Entendemos que tanto o colonialismo quanto o descolonialismo são estruturas de poder que atuam diretamente nas normas, regras, leis, cultura, arte, filosofia direcionando sociedades por meio da criação de metanarrativas de vida e novas realidades que devem ser seguidas. Não nos interessamos em citar autores(as) que estão falando a mesma coisa que já foi dita apenas por que ele(a) é de país do “Sul”. Queremos criar o novo. Então, como analista, uni essas duas vertentes aos saberes e ciência dos povos tradicionais, colocando ambas no mesmo patamar, em pé de igualdade, criando convergência entre os múltiplos conhecimentos, saberes, cultura, arte, tecnologia e filosofia para se criar o novo. Nós devoramos ambas para contribuir com a construção da cultura brasileira, da nova escola sul-americana.

Muitas das línguas indígenas se perderam no tempo e foram extintas pois eram cultura oral. Ou seja, aquele conhecimento não foi escrito. Era passada de geração para geração por meio da oralidade. Pela não publicação perdemos inúmeras culturas e línguas de povos indígenas. Essa é uma das motivações na construção deste projeto. O projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia conversa com a forma positiva proposta por Halbwachs (1986); “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, denominada de “comunidade afetiva” e também com a vertente denominada “memória subterrânea” que por meio da história oral⁴, parte integrante das “culturas minoritárias e dominadas”⁵ se opõe à “memória oficial” e privilegia os excluídos, marginalizados e minorias.

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpostas para a linguagem escrita, e que representam uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica, de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva tão em voga nas discussões contemporâneas e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada a aristocracia que continuamente oprime povos e raças.

Como a obra coletiva cresceu bastante ela foi subdividida em quatro seções. Então, convidei pessoas de universidades internacionais de diferentes países com um duplo intuito: dar visibilidade internacional para os autores e trazer mais pessoas para a obra e, assim, fazê-la entrar em círculos diversos. Nessa fase, convidamos prefaciadores estrangeiros que se interessassem pela cultura latino-americana, em específico, brasileira, para que os autores pudessem ter mobilidade internacional em suas obras e o livro ganhasse maior visibilidade e alcance.

A obra Arte e Inovação em Tempos de Pandemia é um bloco de sensações e sentimentos que no primeiro momento não pode ser dividido. A potência dela está aí. E por isso atrai tantas pessoas interessantes. Estamos inovando, todo o projeto é fundamentado na cultura da inovação, na necessidade de se criar novas formas de pensar, novos produtos culturais e novas realidades. Está além do pensamento científico e adentra o artístico e filosófico.

Para Deleuze e Guattari (1992, p.10) a filosofia inventa conceitos para resolver problemas relativos a acontecimentos da vida. Por esse viés entendemos que os conceitos são imanentes e devem ser criados para cada acontecimento específico. Os autores explicam que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, sendo necessário determinar “uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão” do acontecimento que pretendemos solucionar.

Para que os conceitos sejam formulados com potência e possam ser assimilados pelos “outros” é necessário compor um cenário de formulação filosófica. Dentro deste cenário deve-se criar diálogos com personagens conceituais que irão proporcionar a evolução e a consistência do conceito. A composição do cenário e os componentes do cenário são importantes, uma vez que cada corpo possui capacidade singular de afetar outro corpo em um determinado momento. O momento de pandemia é um momento único que traz reflexões únicas. Neste momento único convidamos pessoas distintas de áreas diversas para nos ajudar a conceituar transdisciplinarmente este período histórico.

Deleuze e Guattari (1992) dizem que é necessário criar uma espécie de teatralização sobre o acontecimento para a criação do conceito e não apenas aceitar passivamente conceitos milagrosos.

4 A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não por meio da de publicações, permanecem vivas. (POLLACK, 1989, p. 6).

5 “Por volta da década de 1840, a Europa havia se lançado na política de ocupação colonial da África e da Ásia e, por conta da necessidade de conhecer e entender o “outro”, surgiram novos ramos das ciências sociais: a etnologia e a antropologia social” [...] “Durante muito tempo, a antropologia utilizou a fotografia para a vigilância e a estigmatização “do selvagem e do exótico enquanto Outro”. Para Bittencourt (1994, p. 226), esse meio de vigilância estabeleceu um regime de verdade específico e construiu estereótipos que posicionaram o “Outro em relação a uma noção de Nós de seus produtores” de imagens. Criaram-se imagens exóticas de pessoas e lugares até então desconhecidos para a sociedade que não eram somente imagens, mas também a criação mesma do imaginário daqueles povos e lugares” (WARD, 2021, p. 112-113). Neste projeto buscamos conhecer a história e romper com a desigualdade colonial.

“os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, ont-los, ontem-los, persuadindo Sobre a relação da amizade com a possibilidade de pensar, no mundo moderno, os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso” (NIETZCHE apud DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.11-12)

Os personagens conceituais dos quais os autores se referem seriam criações imagéticas de “amigos”, no plano imaginário, aos quais confidenciáramos e confiaríamos nossas ideias e pensamentos, contudo, sempre desconfiando desse suposto amigo para mantermos nossa liberdade criativa, de pensamento e de análise. Outra possibilidade de formulação filosófica seria a confrontação de determinado problema com um suposto inimigo, como um desafio, que instigue a evolução ou mutação e potencialize a formulação filosófica de conceitos. Sob esse prisma Deleuze e Guattari (1992) afirmam que o filósofo “é conceito em potência” (p. 13).

Se o filósofo é conceito em potência e o conceito é imanente ao ser, podemos chegar à conclusão de que cada indivíduo é capaz de criar seu próprio conceito. Por essa lógica entendemos que não existe um conceito único, universal. Também podemos afirmar que os conceitos são formados por múltiplos componentes, sendo o momento um deles. Os múltiplos componentes se unem em um determinado momento para criar uma experiência que irá afetar cada corpo de uma forma diferente. Como resultado de cada uma dessas novas experiências, novas sensações, novos mundos são criados.

Por meio da análise do pensamento dos autores, chegamos à conclusão de que a realidade possui vários níveis e é múltipla e complexa, que por sua vez, cria um mundo múltiplo e complexo. E, a “ideia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27) do emaranhado de conhecimentos e ideias que formam a realidade. Com esse pensamento complexo que se forma e movimenta rizomaticamente, Deleuze e Guattari (1992) rompem com a analogia da árvore do conhecimento do século XVII, de Decartes. A famosa imagem da árvore do conhecimento é composta por raízes que representam o pensamento metafísico, o tronco da filosofia e a partir dele as ramificações dos saberes em suas várias ciências.

Deleuze e Guattari (1992) distinguem de forma clara, ao mesmo tempo em que colocam no mesmo nível os três tipos de pensamentos: O artístico, o filosófico e o científico. Para os autores o pensamento filosófico é diferente do pensamento artístico, que por sua vez, é diferente do pensamento científico. Essa última forma de pensamento cria funções científicas. O pensamento filosófico cria conceitos existenciais para emancipar o indivíduo sobre os diversos problemas relacionados a vida e o pensamento artístico cria pensamento por meio de um bloco de sensações, um composto de “*perceptos e afectos*” que após criados passam a existir em si mesmos. Os *afectos* são precisamente devires não humanos do homem e os *perceptos* são paisagens não humanas da natureza. Torna o observador parte do composto de sensações.

Os *perceptos* e *afectos* após criados deixam de ser percepções ou sentimentos, pois evoluem e se tornam independentes dos componentes (artista, modelo, personagem, criador, espectador, auditor) e do momento em que foram criados. Para sua criação é necessário o artista. Entretanto, sua sobrevivência não está mais ligada a este e sim a duração do seu suporte e materiais constitutivos. A única lei da criação é que o composto de *afectos* e *perceptos* deve ficar em pé sozinho para que se eternize.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de *afectos*, inventor de *afectos*, criador de *afectos*, em relação com os *perceptos* ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto. (p. 227)

O nosso corpo sofre modificações a partir de encontros com outros corpos que se tornam impressões ou imagens chamadas de *afectos*. Para os autores a mente está unida ao corpo. Um grande erro que cometemos é associar a imagem da alegria à imagem do corpo que nos afetou. Pois, como vimos cada momento e cada experiência são diferentes. Afeto é a variação da nossa potência de agir e pode ser mais potente, que seria a felicidade e menos potente, que seria a tristeza. Um corpo pode afetar de forma mais potente em um determinado momento e menos potente em outro momento.

Afeto é o que afeta, é o que me move o ser humano. O desejo, a alegria, a tristeza e suas várias ramificações como a inveja, a soberba, o amor, a paixão. Por meio da experimentação de corpos podemos conhecer diferentes tipos de afetos. O pensamento artístico consegue transformar as percepções em *perceptos* que criam *afectos* e se eternizam. A arte libera a vida aprisionada, quebra o hábito, propõe novas composições de afetos para o corpo e para a mente que passam a se sentir de outro jeito, liberta uma vida entristecida, ou, pode entristecer uma vida alegre. O artista na contemporaneidade tem buscado novas formas, vertentes tecnológicas, para produzir diferentes afetos.

A criação artística possui a capacidade de criar um bloco de sensações e afetar o outro produzindo um momento que se conserva e passa a existir em si mesmo, de forma independente. É esse pensamento que nos interessa na criação da obra Arte e Inovação em tempos de Pandemia. A arte é o que resiste à morte. Ao unir elementos artísticos com elementos filosóficos Deleuze e Guattari (1992) propõem um novo olhar e novas possibilidades para criação de conceitos que fogem da passividade e mera repetição de teorias e conceitos já criados e estabelecidos como verdade.

A liberdade humana vem do conhecimento dos afetos. Para isso é importante saber como produzir afetos. A partir dos entendimentos *deleuziano e gattariano* (1992) que uniu arte, ciência e filosofia em conjunto com outra vanguarda do conhecimento, à emergente implantação da cultura da inovação tem seu curso estabelecido com o surgimento da obra Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. A inovação vem para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo, criar ou recriar modelos de negócios para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OCDE, 2005, p. 55). “

Atualmente, a sociedade não se interessa mais por produtos acadêmicos e tecnicistas que se limitam a um pequeno número de indivíduos visto como “elite do conhecimento”. Povos tradicionais e ancestrais já criavam arte, ciência, tecnologia e filosofia há muitos séculos. A faca e o garfo, presente no nosso dia a dia, hoje, com novos designs, são ferramentas tecnológicas que tiveram grande importância na evolução humana. Desde contribuir para menos esforço na mastigação⁶ até a possibilidade de cortar e separar a carne, facilitando assim, junto com a agricultura, que as pessoas se estabilizassem e formassem as primeiras comunidades. A cisterna é um outro exemplo de tecnologia social que salva milhões de vidas por ano em todo o mundo. Ciência e tecnologia ancestral. Não tem como dizer que essas tecnologias não foram testadas, experimentadas ou seguiram um método científico até chegar ao produto final, conhecido por nós. Dizer isso soa arrogante e prepotente. A sociedade indígena brasileira sempre repassou seu conhecimento pela oralidade e muito desse conhecimento científico foi apropriado por empresas que levaram para laboratórios. Esse assunto será melhor abordado no diálogo com a líder indígena, Célia Xakriabá, na seção 1.

Para o ativista indígena Ailton Krenak (2020) “os brancos precisam aprender a pisar mais suavemente na terra”.

6 Katherine Zink e Daniel Lieberman (2013) afirmam que as novas tecnologias da época possibilitaram cortar os alimentos e cozinhá-los evitando o grande esforço da mastigação o que resultou ao longo do tempo na diminuição dos dentes e dos músculos da face proporcionando o crescimento e desenvolvimento do cérebro, um dos diferenciais no desenvolvimento das sociedades contempladas com bons fatores climáticos e de matéria prima. (WARD, 2019).

Se os brancos aprendessem a pisar suavemente na Terra, a gente não estaria vivendo a crise que nós estamos vivendo agora. Eu acho que é a maneira mais simples de ajudar a compreender a diferença entre a vida dos índios e dos não indígenas. O povo indígena concebe a vida na terra como uma dádiva, como um dom, que a gente deve fruir esse dom da maneira mais respeitosa com todas as formas de vida que viajam junto com a gente. O não-indígena acha que pode incidir sobre a vida na terra e governar a terra. A gente está vendo que a gente não governa nada. (KRENAK, 2020, ON LINE⁷).

O olhar de Ailton Krenak traz reflexões acerca das graves consequências geradas pelo capitalismo sobre o meio ambiente, incluindo a atual pandemia do coronavírus, e que reverberam nas formas de existir da humanidade. Essa reflexão pode ser estendida para o tradicional modelo acadêmico eurocêntrico. Temos que pisar mais suavemente no campo do saber. O mundo é um sistema complexo e interligado. Os saberes se complementam. A estética e a poética devem estar inseridas neste contexto. A forma tecnicista como as universidades tratam o conhecimento deve ser revista. Os altos índices de doença mental⁸ registrados nas Universidades podem ser um alerta. Paulo Freire (1987, p. 68) nos disse: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

O pensamento eurocêntrico acadêmico sobre a ciência, arte, tecnologia e filosofia, em partes, é errôneo e precisa ser descolonizado, aprimorado. Devemos sempre nos perguntar: “Quem tem o poder de validar o que é ciência, o que é filosofia e o que é arte? Quais os interesses nesta validação? E outra, será que a vida acontece em um laboratório? Tudo isso demonstra uma incongruência de pensamentos dentro da própria academia, que, por sua vez, gera confusão e afasta a sociedade em geral deste lugar que é visto por parte da sociedade em geral como elitista, para privilegiados. Esse distanciamento da academia com a sociedade é um dos fatores que contribui para a ascensão do obscurantismo e negacionismo da atualidade, e que, no final afeta a sociedade como um todo, inclusive, afeta até os próprios intelectuais que precisam de financiamento para realizarem suas pesquisas, pois, se isolam da sociedade e, em uma democracia, dentro de um sistema estado-nação, em que o voto da maioria decide as prioridades para o país, fechar as portas para a sociedade não é muito inteligente. Dificultar o acesso ao conhecimento é dificultar a vida em sociedade é dificultar as destinações de verbas à ciência, e dificultar o próprio progresso da ciência. A ascensão do obscurantismo na sociedade, tem como uma de suas causas, a falha sistêmica e estrutural do modelo acadêmico eurocêntrico. Quando a Universidade cria exclusão, ela deixa de ser universal. Esse distanciamento permeia a facilidade com que as *fake news* são absorvidas pela população brasileira. A Universidade precisa se inovar e adentrar na era digital.

Tivemos avanços significativos no Brasil com Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Minha proposta é continuar esses projetos. A academia deve olhar para dentro e se inovar. Deixar o EGO de lado. Ser capaz de criar novos tipos de afeto. Vivemos a era da Cultura Digital em que o consumidor de informações é ao mesmo tempo produtor de conteúdo. Em 1979, Alvin Toffler cunhou o termo *prosumer*, que deriva da união de duas palavras que em um primeiro momento são antagônicas, produtor e consumidor (produtor – *producer*; consumidor – *consumer*). Esses consumidores, além de interferirem na forma de produção, também poderiam customizar seus produtos. Hoje, caminhamos para que todos estejam conectados à internet, produzindo e compartilhando

7 Disponível em: <https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>. Acesso em: 19 maio 2021.

8 “Segundo pesquisa da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil), publicada em 2019, pelo menos 83% dos estudantes de universidades federais brasileiras já enfrentaram alguma questão de ordem emocional – aumento de 3% em relação ao mesmo estudo realizado em 2016. Ansiedade, depressão e sensação de desamparo são situações recorrentes nos relatos de alunos. A ideação suicida passou de 4% em 2016 para 11% na pesquisa mais recente. Adversidades que envolvem todo o histórico de vivências dos alunos, acrescidas de um sobrepeso devido ao modelo acadêmico competitivo e que suscita a busca pela excelência em detrimento de um aprendizado saudável”. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/10/como-enfrentar-o-adoecimento-mental-na-universidade-conheca-iniciativas-de-professores-e-alunos/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

dados. Até pouco tempo, os dispositivos de telefone móvel serviam só para ligações (linguagem oral), depois veio a era das mensagens de textos (linguagem escrita), e hoje todos têm câmeras fotográficas (linguagem da imagem) e conectividade com a internet. A internet faz parte da vida cotidiana das pessoas, e a tendência é que cada vez mais nos conectemos a dispositivos ligados à rede e que conectemos dispositivos eletrônicos do nosso uso diário à internet, tornando a conectividade um espaço comum na construção social e na identidade do ser social, de forma a não mais existir distinção entre o “on-line” e “off-line”, “real” e “virtual”. “A internet deixa de ser apenas um instrumento e passa a fazer parte da ação política de uma ampla rede de atores sociais”.

Esta obra nasceu pensada para ser amplamente compartilhada como livro digital. Pensada para seguir o ritmo deste tempo. Um esquadro brasileiro em um único lugar. Inovação do livro acadêmico ou retorno ao modelo dos grandes clássicos com um *facelift* para a estética da era digital. Se você é um pesquisador, um artista, um pensador, você é um criador de conteúdo e cabe a você definir qual é seu público alvo e qual o impacto você quer para o conteúdo que você produz. Quando fomos entrevistar o ex-Reitor da UnB, Cristovam Buarque (2018), para o documentário de 30 anos do Ceam/UnB, ele disse algo que ficou gravado na minha memória: “Eu sou um fazedor de coisas”. Eu não sei bem o que eu sou, mas, me identifiquei com essa frase. Como artista, eu sou um fazedor de coisas em confluência com a estética do meu tempo.

No início do século XX, o antropólogo francês, Leroy-Gourhan⁹ (2002) em seu livro “O Gesto e a Palavra - Memórias e Ritmos”, mais precisamente no capítulo XI, “Os fundamentos corporais dos valores e dos ritmos”, explica os diversos componentes dos equipamentos sensoriais dos mamíferos que juntos formam um “maravilhoso” aparelho de transformação de sensações em símbolos, e que, “tudo no homem é assimilável às diligências do pensamento esteticamente construtivo”. O autor afirma que a estética se baseia na consciência do homem, na sua capacidade de formar juízo de valor sobre as formas e sobre os movimentos, ou, sobre os valores e sobre os ritmos, sendo necessário entender as fontes de que ele irá beber para criar sua percepção do movimento e das formas. O homem, com exclusão da sua integração intelectual e mobilização da consciência, possui sua máquina animal idêntica aos outros mamíferos se sujeitando ao “movimento da digestão”, comendo a horas fixas, “acompanhando a multidão, e tal como um carneiro, o ritmo do passo coletivo” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Ainda para o autor, uma das características que difere o ser humano dos outros mamíferos é a conexão da sua vida mental a aparelhagem simbolizante que o permite viver a vida sensitiva em toda sua dimensão. Esse sistema humano de referências sensoriais que possibilita a análise estética comportam a ação como o retorno da reflexão. Contudo, o autor diz que é necessário refletir sobre uma segunda linha de pensamento que questiona se o pensamento estético não se interrompe precisamente onde começam os comportamentos “naturais”, e além disso, mesmo que o pensamento possa efetivamente assegurar uma certa consciência do vivido, o equipamento sensorial também atua a um nível infra-simbólico, como o caso do gosto, o qual não se consegue dar a imagem e só pode ser reconstituído por si só. Para o autor o comportamento estético não está confinado à criação da obra de arte, entretanto, “A criação figurativa é o principal elemento da libertação individual, enquanto o comportamento técnico ou social é vivido de acordo com normas coletivas que implicam uma execução uniforme” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Entender a temporalidade e ritmos da cultura digital é de fundamental importância para entendermos o funcionamento do organismo social. A cultura moderna passou por um processo de racionalização que separou os domínios da religião dos domínios da estética, colocando o indivíduo numa “situação favorável ao bom funcionamento do dispositivo sociotécnico”. Sendo que, a sociedade domina os indivíduos por meio do condicionamento rítmico, uma espécie de “acertar o passo”, a uniformização rítmica, a incorporação dos indivíduos numa multidão condicionada em busca de uma “uniformidade política”, criando o comportamento das multidões que avançam (como um só homem). Como analistas, artistas e pesquisadores, devemos entender essa estética e atuar como protagonistas. É uma tentativa democrática de reconstrução histórica por diversos

9 O antropólogo francês, André Leroy-Gourhan dá continuidade a famosa tríade epistemológica de “montagens psico-físio-sociológicas de séries de atos” de seu orientador, Marcel Mauss, “articulado de maneira original à dimensão estética, então inédita” se tornando o pai da “Antropologia Técnica ou Antropologia das Técnicas” (GARRABÉ, 2012, p. 67).

olhares, vozes, ações, dessa nação. Como bem disse Mano Brown (2021), “Acho importante dar cor aos personagens” sobre o apagamento dos negros, indígenas, mulheres dos livros de história e o embranquecimento desta. Nesta obra nós damos cor, voz, luz, ações e poder.

Considerações Finais

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpomos para a linguagem escrita uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva - tão em voga nas discussões contemporâneas - e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada à aristocracia que ainda oprime povos e raças.” A abrangência é muito ampla. Esta se dá pela presença de vozes tão múltiplas somadas à temática que nos atravessa globalmente e ainda pelos formatos tão diversificados que são apresentados nas quatro sessões construídas para transpor “os muros” entre sociedade e academia. Pensada para pessoas interessadas em artes, em docência, em “causas identitárias”, em tecnologias contemporâneas e em muitos outros temas.

O projeto trata de Arte, Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital e Inovação. Recorre ao Decolonialismo e a transdisciplinaridade como eixos centrais para justificar os diversos formatos e enfoques que compõe a obra. Para tal são envolvidos(as), autores (as), pesquisadores(as), artistas e membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Percebe-se a relevância da Obra, a atualidade temática, a grande abrangência e seu vasto público alvo em potencial. Vivemos a proposta. Ao abordar questões artísticas relacionadas aos indígenas, ao feminicídio, ao machismo, as tecnologias contemporâneas pode interagir com todas as pessoas.

A obra visa abarcar, como o próprio título indica, a arte e inovação em tempos de pandemia de uma perspectiva transdisciplinar e decolonial. Para tal, as vozes advêm de pesquisadoras e pesquisadores que, em muitos casos, representam distintos grupos indenítários com formações e pesquisas em diversas áreas de conhecimentos. A obra foi pensada e está diretamente ligada a proposta do tempo em questão, de isolamento social, do livro virtual (e-book), por isso, sua forma lembra “os clássicos”, a “era dos polímatas”, que eram obras extensas, entretanto extremamente relevantes para seu tempo.

A Obra apresenta relevância, possui temática atual, grande abrangência e vasto público alvo em potencial. Foge dos padrões unicamente tecnicistas e academicistas que por vezes afastam a academia e a ciência da sociedade em geral e como é enfatizado pelo autor “é uma das consequências da ascensão do obscurantismo que vivemos atualmente”.

Para finalizar não podemos deixar de citar outras duas grandes referências de extrema importância para a criação deste projeto. O polímata brasileiro, Darcy Ribeiro, com foco nas sociedades indígenas, defensor da educação no país, da comunidade acadêmica e um dos fundadores da Universidade de Brasília – UnB e o argentino, Jorge Luis Borges, detentor de uma cultura enciclopédica, que contribuiu para a renovação da linguagem de ficção se tornando um dos mais importantes autores da literatura universal por aliar sonhos, prosa imaginativa com mitos, reinvenção de lendas, labirintos, entre outras técnicas para criar seu próprio estilo. Dois sul-americanos que inovaram conceitos e se tornaram referências mundiais por acreditarem em seus sonhos, em mudanças, em seus potenciais, suas responsabilidades sociais, na ciência, no afeto e, principalmente, na criação de novas realidades. Não se prenderam ao Ego acadêmico. Mesmo com inúmeros reveses não deixaram de sonhar. Ambos afirmaram, cada um à sua maneira, que a lógica totalizante é caótica. Que precisamos magiciar a vida. Precisamos de poesia na vida. Precisamos mais do que nunca de arte e inovação.

Referências

BROWN, Mano. Podcast Mano a Mano. **Mano Brown recebe o Prof. E Arqueólogo Rodrigo Silva**. 11 de novembro. 1h 15 min.. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5hXNdVx8pYl4Ai3HCuaSnG>. Acesso em: 12 nov. 2021.

CAMEIRA, Sandra Ribeiro. História e conceitos da identidade visual nas décadas de 1960 e 1970. In: BRAGA, Marcos da Costa; MOREIRA, Ricardo Santos (Org.). **Histórias do design no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2012.

COSTA DOS SANTOS, Julia. **Como enfrentar o adoecimento mental na universidade**: conheça iniciativas de professores e alunos. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/10/como-enfrentar-o-adoecimento-mental-na-universidade-conheca-iniciativas-de-professores-e-alunos/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LEROI-GOURHAN, André. **O Gesto e a Palavra –II –Memória e Ritmos**. Lisboa: Edições 70.

GARRABÉ, Laure – O Estudo das Práticas Performativas na Perspectiva de uma Antropologia da Estética. **R. bras. Est. Pres.**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 62-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 12 nov. 2021.

HINE, C. **Ethnography for the internet**: Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury, 2015.

KRENAK, Ailton. **O Tempo para Respeitar a Terra Acabou**. IN Keila Bis. Disponível em: <https://yam.com.br/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>. Acesso em: 19 maio 2021.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

WARD, Rodolfo. Estado moderno e contemporâneo: história, memória e identidade. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latino americana de Estudios veja Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 05, ed. Especial, abr., 2019, artigo nº 1402 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870.

WARD, Rodolfo. **Da fotografia Documental à Artística**. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 19, n. 41, p. 102-165, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.169675. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/169675>. Acesso em: 23 set. 2021.

WARD, Rodolfo. Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo. O espanto e a dor diante da Covid-19. **Revista Humanidades**. N. 64. Editora da Universidade de Brasília–UnB. Dezembro 2020. ISSN 0102.9479.

CDE. **Oslo Manual The Measurement of Scientific and Technological Activities** – Proposed Guidelines for Collecting and Interpreting Technological Innovation Data: / La mesure des activités scientifiques et technologiques – Principes directeurs pour le recueil et l'interprétation des données sur l'innovation technologique: Manual' d' Oslo. OCDE. 2005. P. 55.

Recebido em 28 de janeiro de 2022.

Aceito em 14 de março de 2022.